

# O CONCEITO SARTREANO DE LIBERDADE: IMPLICAÇÕES

## THE SARTREAN CONCEPT OF FREEDOM

Anne Tatila Borgess<sup>1</sup>  
Daiany Lara Massias Lopes<sup>2</sup>  
Monia Karine Azevedo<sup>3</sup>  
Jorge Antonio Vieira<sup>4</sup>  
Zoraida Roa Larrota Bortolloci<sup>5</sup>

BORGESS, A. T; LOPES, D. L. M; AZEVEDO, M. K; VIEIRA, J. A; BORTOLLOCI, Z. R. L. O conceito sartreano de liberdade: implicações. **Akrópolis**, Umuarama, v. 16, n. 2, p. 109-113, abr./jun 2008.

**Resumo:** O artigo trata de uma reflexão sobre as implicações que o conceito sartreano de liberdade traz, especialmente em relação à responsabilidade, às relações concretas com o outro, à escolha e comportamento. Em termos sartreanos, a liberdade é a condição, na qual o homem está, de poder escolher-se, projetar-se ou construir sua própria existência, visto não ser pré-determinado em sua condição essencial. A partir deste ponto de vista, ele pode responder por sua própria existência e pela dos outros, e além disso, pode-se ver o problema da relação interpessoal em termos de relação entre liberdades.

**Palavras-chave:** Sartre; liberdade; existencialismo; responsabilidade; amor.

**Abstract:** This article presents a reflexion on some implications of the Sartrean concept of freedom, especially in relation to responsibility, concrete attitudes involving other persons, choices and behavior. In Sartrean terms, freedom is the condition of a man who can choose, project, or build his own existence himself, for he is not predetermined in his essential condition. From this point of view, man can answer for his own existence and also for the other's, and besides, it states de problem of interpersonal relations in terms of a relation etween freedoms.

**Keywords:** Sartre; Freedom; Existentialism; Responsibility; Love.

<sup>1</sup>Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Paranaense – Unipar. Participante do Programa de Iniciação Científica. Correspondência: anne\_tati6@hotmail.com

<sup>2</sup>Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Paranaense – Unipar. Participante do Programa de Iniciação Científica. Correspondência: daya\_lara@hotmail.com

<sup>3</sup>Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Paranaense – Unipar. Participante do Programa de Iniciação Científica. Correspondência: monia\_azevedo@hotmail.com

<sup>4</sup>Doutor em filosofia, docente do curso de Psicologia da Universidade Paranaense – Unipar. Correspondência: jvieira@unipar.br

<sup>5</sup>Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Paranaense – Unipar . Participante do Programa de Iniciação Científica. Correspondência: zoryroa@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto de que a liberdade constitui-se um dos principais problemas da nossa civilização, pois diz respeito aos limites da vida coletiva, levanta-se como hipótese a possibilidade de tomarmos, como parâmetro para a reflexão sobre a liberdade, o pensamento existencialista, especialmente na produção de Jean Paul Sartre.

Dessa forma, a presente revisão de literatura tem por objetivo remontar ao conceito sartreano de liberdade e levantar as implicações que este conceito possui quanto à responsabilidade, às escolhas, ao comportamento, à relação com o outro e à individualidade. O texto que se segue restringe-se a indicar textos sartreanos e autores que indicam o local e o contexto de pesquisa sobre o tema da liberdade em Sartre.

Pensar a problemática da liberdade implica refletir sobre a própria condição humana de um ser que vive em comunidade, pois transpassa a própria fundamentação do coletivo, uma vez que a coletividade implica homens compartilhando do mesmo espaço, das mesmas crenças, dos mesmos afazeres e, talvez, dos mesmos objetivos de vida.

A liberdade está no centro da vida coletiva, na medida em que viver no público significa conviver com o outro, ou seja, em toda a vida social é subjacente a relação entre o eu e o outro. Ora, é exatamente esta relação eu-outro, fundante e fundamental da vida social, que encontramos no problema da liberdade. Assim, nas relações interpessoais, podemos perguntar quais os limites da minha liberdade sobre o outro e do outro sobre a minha. Quais os valores subjacentes à ação livre são necessários para a convivência com o outro? O modo de vida do outro impõe limites à minha liberdade, e até que ponto esta limitação constitui-se um bem para mim? Estas questões são enfrentadas por Sartre (2003) em sua obra *Crítica da razão dialética*, a qual investiga como o marxismo pode oferecer bases para um pensar existencial da liberdade.

Mas o sentido de liberdade em sua implicação subjetiva é tratado por Sartre em outros textos também importantes, nos quais ele investiga a liberdade do sujeito. A noção de sujeito abarcada na filosofia sartreana é de fundamental importância para seu conceito de liberdade, uma vez que a liberdade somente é liberdade de um sujeito cuja consciência seja autônoma para escolher, ou seja, intencional. Dessa forma, o sujeito livre sartreano é o sujeito moderno elaborado na esteira da filosofia cartesiana, na medida em que Descartes promulgou a liberdade do pensar e da consciência do sujeito.

Nessa perspectiva, declara Sartre, o Existencialismo é um humanismo: “Como ponto de partida não pode existir outra verdade senão esta: penso, logo existo; é a verdade absoluta da consciência que apreende a si mesma. Qualquer teoria que considere o homem fora desse momento em que ele se apreende a si mesmo é, de partida, uma teoria que suprime a verdade, pois, fora do cogito cartesiano, todos os objetos são apenas prováveis e uma doutrina de probabilidades que não esteja ancorada numa verdade desmorona no nada” (SARTRE, 1987, p.15).

A liberdade, então, aparece como a condição fundante do sujeito: “Certamente, eu não poderia descrever uma liberdade que fosse comum ao outro e a mim; não poderia, pois, considerar uma essência de liberdade. Ao contrário, a liberdade é fundamento de todas as essências, posto que o homem desvela as essências intramundanas a transcender o mundo, rumo às suas possibilidades próximas” (SARTRE, 1999, p. 542).

Ou seja, o homem é homem pela sua condição de ser livre. O homem faz-se afirmando suas escolhas livres, e assim, o homem é produto de sua liberdade, pois é na ação livre que o homem escolhe seu ser, que se constrói enquanto sujeito. Por outro lado, no mundo da natureza não há liberdade, mas o determinismo dos instintos; assim, falar no humano, desde uma ótica sartreana, é falar num ser que quotidianamente escolhe as ações que faz. Dessa forma, toda ação, escolha, objetivo ou condição de vida são produtos da liberdade humana. Assim, a liberdade deixa de ser uma conquista humana, para, segundo Sartre, ser uma condição da existência humana: “Com efeito, sou um existente que aprende a sua liberdade através de seus atos; mas sou também um existente cuja existência individual e única temporaliza-se como liberdade. (...) Assim, minha liberdade está perpetuamente em questão em meu ser; não se trata de uma qualidade sobreposta ou uma propriedade de minha natureza; é bem precisamente a textura de meu ser” (SARTRE, 1999, p. 542-543).

Nessa perspectiva, a consciência do homem, ou na terminologia sartreana, o para-si, não é algo prontamente determinado, mas ao contrário, o eu ou a consciência faz-se ao lançar-se no futuro, na concretização das escolhas no futuro, e dessa forma, a consciência é preenchida pela liberdade. em outras palavras, a liberdade é a textura que fundamenta o vazio da consciência, ou seja, o homem é aquilo que sua liberdade formar: “a liberdade é fundamento da existência e esta se traduz pela necessidade do para si ser constantemente escolha, em que não há

uma distância abissal entre liberdade e escolha. O conceito de escolha aparece como a tessitura da subjetividade, pois o sujeito escolhe a si mesmo, escolhendo-se como subjetividade que se quer livre” (LIMA, 1998, p. 27).

Nesse sentido, o exercício da liberdade nas ações de escolher o que fazer é sempre intencional, é sempre movido por uma vontade consciente dos princípios norteadores dessa escolha e dos fins e consequências dessa ação. Na ação livre, o homem é consciente dos princípios de sua ação, porém, não existem princípios prontos que sirvam de guia para a escolha humana. Em outras palavras, não existem valores morais nos quais se possa fundar a ação humana (SARTRE, 1999, p. 548-549).

Nesse contexto, não existe uma regra, um valor, um modelo, mesmo uma resposta correta ou um conselho que seja exterior ao sujeito e que lhe sirva de parâmetro para a ação; ou seja, é de total responsabilidade do sujeito a escolha que fizer, pois ele é livre para erigir seus valores: sendo o homem livre para agir e não existindo valores universais que sirvam de referenciais para nossa ação, cabe ao sujeito construir os valores norteadores de sua ação (PERDIGÃO, 1995, p. 146).

### Responsabilidade para Sartre

É no significado da palavra responsabilidade – “obrigação geral de responder pelas consequências dos próprios atos ou pelas dos outros”-, ou, do mesmo modo, “consciência de ser o autor incontestável de um acontecimento ou de um objeto” (HOUAISS, 2001), é que se pode iniciar enfocando que, para Sartre, o sujeito, acima de tudo, tem a necessidade de ser responsável e amadurecido. Sartre foi muito lembrado pela humanidade, pelo fato de afirmar que o sentido da vida humana é a responsabilidade do homem; em ocasião, de acordo com a idéia central do pensamento existencialista, com o qual “a existência precede a essência”, pode-se afirmar que o sujeito é o responsável por fazer a essência de sua vida através de suas ações; assim “o homem é responsável pelo que ele é” (SARTRE, 1987).

O homem, então, para o existencialismo, é o total responsável pela sua existência. Com isso, diante do ato de escolher, escolhendo a si mesmo, ele escolhe todos os homens e é responsável pelos mesmos, “sou, desse modo, responsável por mim mesmo e por todos e crio determinada imagem do homem por mim mesmo escolhido; por outras palavras: escolhendo-me, escolho o homem” (SARTRE, 1987).

Contudo, a escolha está no processo de vida de todas as pessoas, e elas sofrem angústias frente a essas escolhas, sofrem também por terem que perceber, aceitar e serem responsáveis diante da escolha de deixar que as outras pessoas influenciem em sua vida, ou diante da escolha que em cada momento o homem tem que fazer para constituir a essência de sua vida. Ele sofre a angústia de assumir a escolha e ter a responsabilidade sobre ela, porém não deixa de fazê-la. Para Sartre (1999), o homem nasceu livre, e não pode deixá de sê-lo, e é o único responsável pelo que faz de si mesmo. É através de sua liberdade que o sujeito pode decidir sobre sua vida, escolhendo-a e sendo responsável pela mesma. A responsabilidade é somente uma simples reivindicação lógica das consequências de nossa liberdade; com isso tudo o que acontece comigo, está à minha altura, “pois aquilo que acontece a um homem por outros homens e por ele mesmo não poderia ser senão humano” (SARTRE, 1999).

A decisão/escolha de assumir o que faço da minha liberdade é humana; assim, sou responsável por ela. O sujeito escolhe se abster de tal situação, por ter se deixado livrar dela, ele a escolheu, pode ser por vários fatores que a deixou, porém é responsável pela sua escolha (MOUTINHO, 1995, p. 87). O indivíduo aceita suas escolhas e suas ações, ele “é” sua essência construída através de sua liberdade e é responsável por tudo isso. O sujeito está condenado a ser responsável por ele mesmo. Com isso, encerro este fichamento, deixando mais claro do que possa estar, a noção de responsabilidade para o existencialismo, com o qual Sartre profere: “... no sentido de que me deparo subitamente sozinho e sem ajuda, comprometido em um mundo pelo qual sou inteiramente responsável, sem poder, por mais que tente, livrar-me um instante sequer desta responsabilidade, pois sou responsável até mesmo pelo meu próprio desejo de livrar-me das responsabilidades; fazer-me passivo no mundo, recusar a agir sobre as coisas e sobre os Outros, é também escolher-me, e o suicídio constitui um modo entre outros de ser-no-mundo”. (SARTRE, 1999, p. 680).

A filosofia existencialista defendida por SARTRE (1987) afirma que a “existência precede a essência”, ou seja, a priori o homem se concebe como “nada” por não possuir uma determinação que lhe conceitue previamente. Ele só se define a partir de sua ação, é livre para escolher ou até mesmo inventar seu próprio futuro.

A importância despendida à ação, nesse processo que define o homem e lhe confere sentido, nos remete a um dos princípios fundamentais do existencialismo: o homem é o que faz de si mesmo, o que

nos leva, inevitavelmente, a questão de sua responsabilidade como ser autônomo e criador (LIMA, 1998, p. 114).

Para SARTRE (1987), o homem não é um Ser construído e acabado por forças superiores ou externas, as quais o conduzem a uma espécie de “destino”. Ao contrário, está sempre por fazer (e fazer a si) à medida que se constitui um projeto de vida, algo flexível e aberto a mudanças a todo tempo. Contudo, essa idéia de responsabilidade não recai somente num plano de subjetivismo individual, mas também num plano de condição humana, pois vivendo constantemente em relação com o outro, o homem que escolhe e se responsabiliza por si, escolhe e se responsabiliza pelo outro.

Tendo consciência de que é o único responsável pelo seu projeto de vida, não havendo possibilidade de se apoiar em desculpas ou sinais, o homem se vê desamparado, desesperado e tomado de angústia. Porém, isso não faz dele imóvel, mas dá a ele a certeza da responsabilidade que tem através de sua ação pela escolha.

Todavia, nem todo homem se diz angustiado, uma vez que não se considera único, ou pelo menos, o único responsável por sua condição, à medida que delibera tal responsabilidade a outros seres ou circunstâncias, o que se caracteriza como mentira ou desculpa. É essa postura que SARTRE (1987) intitula como má-fé.

Ainda assim, o homem se faz ativo, pois mesmo “quando não escolhe, ele está decidindo não escolher” (MÉSZÁROS, 1991, p. 87). Portanto, o homem não está salvo de ser responsabilizado por seus atos e suas escolhas.

Construímos o projeto de vida conforme nossa liberdade, pois sendo livre se tem a consciência de escolher, decidir o que se quer para a vida e, na medida em que o ser humano se desenvolve, vão surgindo situações que o levam a ficar em dúvida entre o que escolher, gerando angústias, e essas angústias podem estar sendo minimizada. Dependendo dessa escolha livre e consciente é que vai se construindo a essência e essa essência é existencial, o que leva o ser humano a se projetar para o mundo, indo em busca do que se propõe a fazer enquanto ser existente, considerando o que Sartre diz que “me escolhendo, escolho por toda a humanidade” (SARTRE, 1987, p. 19).

Essa busca constante pelo desejo interno de realizar aquilo que se propôs a fazer durante a existência, então, o ser humano é aquilo que vai construindo para chegar até seu projeto principal. Isso não significa que vai mudar de idéia na medida em que vai escolhendo, porque, se hoje faço uma deter-

minada escolha e conforme vão se desenvolvendo as coisas, em determinada situação o ser humano se vê na obrigação de ter novas decisões, tendo consciência e liberdade de escolha, e assim assumindo nova responsabilidade, sempre tendo como objetivo o engajamento do seu projeto principal, preenchendo o vazio existencial.

Um exemplo claro são os adolescentes que ficam em dúvida entre qual profissão escolher. Essa incerteza muitas vezes leva esses adolescentes a se frustrarem e a não fazer a sua escolha livremente, tornando-se dependente de outro, de outra liberdade, que talvez não o deixe decidir conscientemente. Assim, acaba escolhendo uma profissão que outra pessoa decide por ele. “Ser pensante/existente”, assume do mesmo jeito essa responsabilidade, projetando-se secundariamente a sua existência.

Percebe-se que muitas pessoas não têm a liberdade de que Sartre fala, pois hoje em dia algumas pessoas estão ligadas ainda no cordão umbilical, dependendo do outro, não digo enquanto é bebê, pois se sabe que um bebê sozinho não conseguiria sobreviver. Mas quando o ser humano se percebe como existente, está no momento de ter suas próprias decisões, e se responsabilizar pelos seus atos, sem culpabilizar os outros pelos seus fracassos ou sucessos. Ou não sou totalmente responsáveis pelos meus atos que foram decididos por mim?

### **As relações concretas com o outro: domínio e servidão**

Sartre (1999, p.451) ao introduzir este assunto, afirma que a primeira dimensão do meu existir seria ser corpo, constituindo-se em uma relação com o Outro e também uma relação comigo mesmo, na medida em que me reconheço como corpo – sendo esta a relação primordial.

O corpo me faz ser-em-situação e como tal sou um ser transcendente, fora de mim. É o corpo quem garante a existência de meu ser no mundo enquanto presença física, real e por isso tem o poder de conferir limites às relações que estabeleço com o Outro, podendo estas serem alteradas. Portanto, ser corporal é ser limitado.

Numa primeira atitude com relação ao Outro - em se tratando particularmente do Amor - posso ir além de um Ser transcendente, posso captar a transcendência transcendida, ou seja, capturar a liberdade do Outro quando o percebo como “coisa”, objeto passível de manipulação. Por outro lado, o Outro também deseja capturar minha liberdade, tornando - me objeto, à medida que sou, violentamente, pego pelo outro (SARTRE, 1999, p.452).

Podemos chamar a situação descrita acima de círculo vicioso, pois ora sou capturador, ora sou capturado, dentro de um processo contínuo e não necessariamente alternado, em que a presença de um implica a anulação do outro (PERDIGÃO 1995, p. 210).

Nesse sentido, é por não querer ser visto como objeto, que as relações “amorosas” são sempre conflituosas e se caracterizam pelo desejo de possuir a liberdade do Outro e de resgatar a minha liberdade, que fora possuída por esse Outro, reabsorvendo nele a parte que me falta.

Unir-se ao Outro significa perdê-lo enquanto liberdade, ou seja, desfaz-se então o sentido do amor, pois seu objetivo de captura fora perdido. Por isso dizemos que a unicidade do amor é irrealizável. Contudo, se sabemos que amar é estar em constante conflito com o Outro, por que amamos? Antes de tentarmos responder a essa pergunta, devemos estar cientes de que o amor é um projeto, um empreendimento que deve ser planejado. (SARTRE, 1999, p. 456).

No entanto, isto não é tudo, pois na relação “amorosa” há a implicação indubitável de duas pessoas, em que uma é o amante e a outra o amado.

O primeiro pode ser reconhecido como “aquele que ama”, assim sendo deve ter plena liberdade para escolher seu amado, de forma que essa escolha se faça livre de toda e qualquer influência externa como, por exemplo, ocasiões de encontro com o mesmo e a aparência física deste (SARTRE, 1999, p.458).

O amado, por sua vez, deseja ser amado por essa liberdade absoluta que o escolheu e, por assim dizer, lhe concedeu valor, porém este não é um valor qualquer que o iguala aos demais seres humanos, mas um valor absoluto, conferindo a seu Ser tanta importância, a ponto de ir além do amante, caracterizando o domínio do amado sobre o amante.

É importante lembrarmos que toda relação não amorosa é alienante, no sentido de que sou visto pelo Outro como objeto e, a partir do momento que eu sou amado, estou numa relação em que me foi concedido valor absoluto: já não sou mais um objeto frente ao olhar do Outro, que antes suscitava em mim sentimento de vergonha. Passo então, a ter significado para alguém: “o Outro vê o mundo através de mim” (SARTRE, 1999, p.463).

Assim podemos dizer que o amado é dominado, quando tem sua liberdade assimilada pelo amante; e dominador, quando se percebe como valor absoluto, no instante em que ultrapassa o amante em sua subjetividade.

Agora, desloquemos o raciocínio construído acima para a figura do amante: ele capturando a

liberdade do amado se faz dominador, sendo o seu próprio fundamento, ou seja, não pode ser visto pelo prisma do Outro, pois já que detém o poder, só permite que o amado veja nele aquilo que ele, amante, quer. Todavia, ao conceder ao amado o lugar de valor absoluto (o valor entre todos os outros), o amante o coloca acima de si e sente-se ainda como se estivesse preso ao amado, o qual depende dele para ter valor (SARTRE, 1999, p.463).

Conclui-se que as partes integrantes alternam constantemente essa ação dominante e dominada, as quais, por pertencerem, respectivamente, ao amante e ao amado, configuram, nesta ordem, as personalidades sádica e masoquista, isto é, o amante tende a sempre gostar de fazer sofrer e o amado a sempre gostar de sofrer.

## REFERÊNCIAS

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LIMA, W. M. **Liberdade e dialética em J. P. Sartre**. Macaíó: EDUFAL, 1998.

MÉZÁROS, I. **A obra de Sartre: busca da liberdade**. São Paulo: Moderna, 1995.

MOUTINHO, L. D. **Sartre: existência e liberdade**. São Paulo: Moderna, 1995.

PERDIGÃO, P. **Existência e liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre**. Porto Alegre: LPM, 1995.

SARTRE, J.-P. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. **O existencialismo é um humanismo**. a imaginação. Questão de método. São Paulo: Abril Cultural. Coleção Os pensadores. 1984.

\_\_\_\_\_. **Crítica da razão dialética**. São Paulo: M. Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Questão de método**. São Paulo: Abril Cultural, 1987.

SCHNEIDER, D. R. Reflexões acerca de aspectos psicológicos envolvidos no homossexualismo. **Cadernos de Psicologia**, n. 1, 1994. Rio de Janeiro: UERJ, Instituto de Psicologia. v. 7. Disponível em: <<http://www.psiclin.ufsc.br/Cadernos%20de%20Psicologia%207%20completo.doc>>. Acesso em: 05 ago. 2007.

# UNIPAR MULTICAMPI

**Campus Toledo (I)**



Av. Parigot d Souza, 363  
Fone: (45) 3277-8500

**Campus Toledo (II)**



Rua Santos Dumont, 2171  
Fone: (45) 3277-2161

**Campus Umuarama (Sede)**



Praca Mascarenhas de Moraes, 4282  
Fone: (44) 3621-2828

**Campus Umuarama (Hospital Veterinário)**



Rodovia Pr 480 - Km 02  
Fone: (44) 3639-2130

**Campus Umuarama (III)**



Avenida Tiradentes, 3240  
Fone: (44) 3621-3838

**Campus Cascavel**



Rua Rui Barbosa, 611  
Fone: (45) 3321-1300

**Campus Paranavaí**



Av. Huberto Bruning, 360  
Fone: (44) 3421-4000

**Campus Francisco Beltrão**



Av. Julio Assis Cavalheiro, 2000  
Fone: (46) 3520-2800

**Campus Cianorte**



Av. Brasil, 1123  
Fone: (44) 3619-3000

**Campus Guaíra**



Rua Carlos Gomes, 558  
Fone: (44) 3642-9500

[www.unipar.br](http://www.unipar.br)